

REORGANIZAÇÃO DO GOVERNO: Morte de Luís Eduardo Magalhães faz políticos, artistas e executivos repensarem seu estilo de vida

Após o susto, cuidados com a saúde voltam à pauta

Número de eletrocardiogramas no Incor triplica e consultórios lotam com pacientes que querem saber como evitar infarto

Débora Ribeiro

• SÃO PAULO e RIO. A morte súbita do deputado Luís Eduardo Magalhães deixou os homens com mais de 40 anos alarmados. Cardiologistas ouvidos pelo GLOBO revelaram que, entre quinta e sexta-feira, houve corrida aos consultórios. Durante o atendimento, homens e mulheres comentavam as condições em que o deputado morreu. Segundo o diretor-clínico do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas de São Paulo (Incor), José Antônio Ramires, os pacientes têm perguntado mais sobre os cuidados para prevenir problemas cardíacos.

— Isso está acontecendo com os mais jovens e os mais idosos. Mas, com o tempo, as pessoas esquecem o susto e voltam a negligenciar a saúde — diz o médico. Ramires disse que, nos últimos dias, atendeu a pacientes que não via há muito tempo, interessados em fazer um check-up.

O responsável pelo Centro de Medicina de Atividade Física e do Esporte da Universidade de São Paulo, Antônio Sérgio Tebexreni, classificou de síndrome a corrida a seu consultório:

— O consultório encheu, os horários ficaram lotados e pacientes que sumiram resolveram ligar para marcar hora.

Médico recomenda exercício a homens com mais de 35 anos

Tebexreni recomenda que todo homem com mais de 35 anos tenha atividade física periódica, após passar por exames que avaliem os batimentos cardíacos durante um esforço. Segundo o médico supervisor do Serviço de Eletrocardiograma do Incor, Carlos Alberto Pastore, o número de exames praticamente triplicou entre quinta e sexta-feira.

— Vou dar um exemplo: em menos de sete horas, na quinta-feira, realizamos 50 eletrocardiogramas, quando normalmente são feitos 15 exames. Essa correria ainda vai durar umas três semanas — prevê.

O diretor-tesoureiro do banco BBA, Luiz Fernando Figueiredo, admite ter ficado mais preocupado com a saúde depois da morte de Luís Eduardo. Figueiredo tem 34 anos, mas sabe que pode em breve estar no grupo de risco. Sua atividade é marcada pelo



José Luiz da Conceição

VICENTE PAULO da Silva, o Vicentinho, toma adoçante desde que descobriu, em janeiro, que sofre de diabetes

stress diário do sobe-e-desce das bolsas de valores, como no período da crise asiática, em outubro do ano passado. Mais: fuma um maço de cigarros por dia. O executivo pratica esportes quatro vezes por semana — pólo aquático e capoeira — mas esta semana a morte de Luís Eduardo Magalhães não lhe saiu da cabeça.

— Voltei a pensar em parar de fumar — disse.

O presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, não precisou mudar de hábitos ao saber da morte de Luís Eduardo. Desde janeiro, quando fez um check-up e descobriu que era diabético, o sindicalista cortou o açúcar e o café, está fazendo regime, tomando adoçante e con-

trolando o nível de insulina.

— É com a comida que eu sou. Desde pequeno, sempre comi e gostei de tudo.

Com 42 anos, o presidente da CUT diz que não fuma, não bebe e não joga. Corre dez quilômetros, em dias alternados. Sua pressão é 12 por oito; o colesterol, baixo. Em momentos de tensão, como greves ou negociações trabalhistas, o sindicalista costuma sentir dores no corpo.

O ator Raul Cortez, de 66 anos, diz que seu único vício é o cigarro, que ele não consegue largar. Fumante de um maço por dia, ele faz exames periódicos, prefere comida caseira e segue, com o auxílio de um *personal trainer*, um programa de exercícios adequado para o seu perfil.

Juca de Oliveira, de 63 anos, procura manter vida equilibrada para aliviar o estresse.

— Viajo quando posso para uma fazenda e, se precisar, largo compromissos para não abdicar desse contato com a natureza. Não sou um neurótico com a saúde, mas não fumo, não bebo e faço minhas caminhadas.

Para quem vive no meio político, ficar imune à agitação é impossível. Segundo o deputado federal José Genoíno (PT-SP), suas visitas ao setor médico da Câmara são frequentes.

— Eu sou hipertenso e tomo diariamente um remédio para controlar a pressão. Fumei por 30 anos e, até quatro meses atrás, fumava três maços por dia, da mesma marca do Luís Eduardo

(Charm). Desde que passei mal no plenário, durante o processo do impeachment, procuro mudar para melhor algumas coisas, como caminhar e nadar nas horas de folga — contou o deputado, de 52 anos.

O poeta Waly Salomão, que diz ter passado a contar a idade desde o dia 14 de fevereiro, quando teve um infarto, vê as mudanças em sua vida de forma positiva.

— Para mim, foi um grande susto e não só o infarto: o médico me disse que, a cada cem infartados, morrem 60 antes de entrar no hospital. Isso foi fundamental para que eu topasse caminhadas e dietas.

Até ter o infarto, o poeta achava dietas e exercícios práticas muito repressoras. Ele as rejeitava como imposições da moda:

— Hoje, estou gostando muito do que como. Cortei gordura animal, carne vermelha. Tenho caminhado, cada vez mais, saindo de uma vida muito sedentária. De minhas andanças no Jardim Botânico, já saiu até um poema ("Pastoral brasileira") que reflete isso — conta o poeta.

Tony Rocha, diretor-presidente do Banco Stock, de 46 anos, é outro que se assustou com a morte de Luís Eduardo. Ele é fumante há mais de 20 anos:

— Não tenho a menor dúvida de que a morte de Luís Eduardo me assustou. Eu fazia check-up de seis em seis meses, mas agora estou atrasado dois anos. Já marquei com o médico. Eu pelo menos faço algum esporte três vezes na semana, mas é preciso um susto como esse para fazer a gente se mexer.

Antropólogo: morte de Motta e Luís Eduardo uniu sociedade

A comoção gerada pela morte do ministro das Comunicações, Sérgio Motta, e, particularmente, pela de Luís Eduardo não chega a surpreender o antropólogo, professor e escritor José Carlos Rodrigues. Para o autor de "O tabu da morte" (1983) e "Antropologia do poder" (1992), este centrado na morte dos poderosos, nesses momentos a sociedade não se vê repartida em facções.

— O fato é que formamos, além dessas facções, uma comunidade — atesta Rodrigues. — É claro que aqui e ali existem diferenças de estilo, de opinião, mas o que

estamos assistindo é um drama. No caso do senador Antônio Carlos Magalhães, o drama do pai que teve um filho jovem morto tragicamente. O que se viu em torno dos mortos foi a reunião de uma corte que é totalmente transpartidária. Foi como se a sociedade inteira estivesse reagindo em uníssono contra a ameaça que pesa contra ela.

Mais do que lembrar a morte como algo inevitável e imprevisível, diz o antropólogo, o desaparecimento de uma personalidade pública provoca, em muitas esferas da sociedade, questionamentos múltiplos. Eles podem ir desde as condições de um voto (como no caso de Ulysses Guimarães, morto num acidente de helicóptero) até as vantagens ou desvantagens dos exercícios físicos (no caso de Luís Eduardo), passando pela eficiência hospitalar (discutida durante a doença de Tancredo Neves).

Famosos deixam vazio maior ao morrer, diz antropólogo

— O ponto básico é que todo ser humano simboliza alguma coisa, e quando ele morre deixa um vazio simbólico, uma espécie de metáfora do nada, que é ameaçador sempre — resume Rodrigues. — Os seres humanos não são iguais durante a vida e não poderiam sê-lo perante a morte. Digamos que alguns são espécies de superpessoas e o vazio que elas deixam é simbolicamente maior.

Rodrigues acha discutível a afirmação, muitas vezes feita em círculos de discussão, de que o Brasil tende a exacerbar o culto às personalidades e que, no âmbito político, isso significaria botar as pessoas acima das instituições.

— Isso não diz que as instituições são fracas, e sim apenas que as pessoas são fortes. E as instituições ficam fortes através, dessas pessoas — diz o antropólogo. — É importante separar as coisas. Obviamente tomamos como referência os países do Primeiro Mundo, onde toda vida é marcada por uma certa impessoalidade, e a vida pública, idem. Portanto, a morte de uma personalidade pública vai atingir muito menos intensamente as pessoas. ■

COLABORARAM: Cleide Carvalho, Geraldo Magella e Mânia Millen